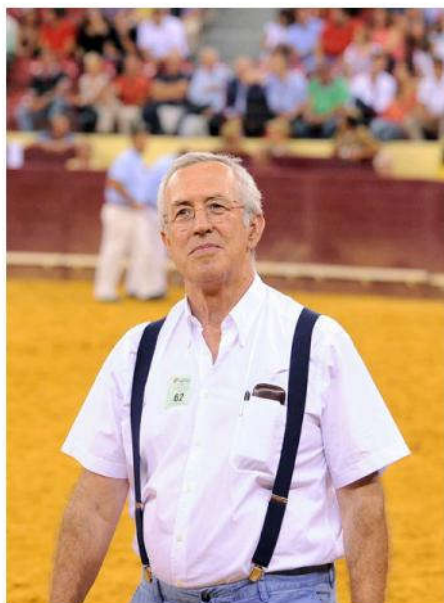


ALENTEJO - TOIRO BRAVO

RAÇA BRAVA – A RAÇA ECOLÓGICA POR EXCELENCIA

Por Joaquim Grave



Signo de virilidade, fecundidade e vigor de vida para os nossos antepassados, ainda hoje mantém uma aura de poder genésico, para os que com ele jogam ou lidam, seja numa arena ou nos bastidores do campo. Toiro e homem, condenados a colaborar numa aventura eterna, pagam ambos com o seu sangue, um tributo de lealdade num espectáculo que permite a sobrevivência do primeiro enquanto raça e a exaltação do segundo pela arte do toureiro.

O toiro bravo tem uma vida privada no campo que dura quatro ou cinco anos e uma vida pública numa arena que dura vinte minutos. No campo, tem uma hierarquia social bastante rincada. Há sempre um leader, mas também sempre algum aspirante a leader. É esta é a razão das lutas frequentes que acontecem.

A raça brava é de pequeno porte, consegue sobreviver com muito menos recursos que outras. É explorada num sistema extensivo. Para cada vaca destinam-se 3 a 4 hectares. A defesa da raça brava, representa a defesa do frágil ecossistema de que faz parte. Depois, não menos importante, salvaguardando a raça brava, estamos a defender espécies em vias de extinção que coabitam com ela. Portanto, temos uma

defesa de uma biodiversidade sempre actual e desejada.

Se algum rótulo devia ostentar esta raça, é a de raça mais ecológica de quantas raças bovinas existem em Portugal. O toiro bravo e a festa dos toiros estão, assim, radicalmente do lado da ecologia. O ecologista consequente não pode deixar de ser um defensor da corrida de toiros. O que acontece frequentemente é que se confunde “animalismo” com ecologia e, no entanto, um é o oposto do outro.

Não se pode ao mesmo tempo salvar a espécie “leopardo” e preocupar-se com o sofrimento das gazelas. Da mesma maneira que não se pode salvar a espécie “lobo” e preocupar-se com o sofrimento das ovelhas. O que conta é a espécie, não é o indivíduo. Se para salvaguardar a espécie, se têm que sacrificar alguns indivíduos, pois seja. Há que escolher: ecologia ou animalismo. O animalismo não é uma extensão dos valores humanistas. É a sua negação.

É uma pena que a nossa sociedade urbanizada, cada vez mais afastada das questões e dos valores do campo, desconheça este animal fantástico, que se cria com tanta dedicação, com tanto amor e ao qual se disponibilizam todas as atenções para que nada lhe falte, tendo a possibilidade de alcançar o indulto se em praça manifestar toda a bravura que encerra, depois de uma vida em liberdade. Ao toiro bravo é-lhe dada a possibilidade de manifestar toda a sua “animalidade” sem preconceitos de humanizar o que não deve ser humanizado.

Como declaração final direi que a festa dos toiros é um fenómeno que desenterra as suas raízes numa tradição milenar da cultura mediterrânica herdada pelos povos latinos e que, portanto, reflete a sensibilidade específica de cada um dos povos que a compartilham.

Esta Festa está baseada no respeito ao toiro e ao meio ambiente, uma vez que as ganadarias onde se criam os toiros bravos constituem reservas ecológicas exemplar.

** Por opção do seu autor, Joaquim Grave, este artigo não segue o novo acordo ortográfico.*